



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

Lorena Mesquita Borges

**A importância da brincadeira na Educação Infantil**

São Gonçalo

2015

Lorena Mesquita Borges

## **A importância da brincadeira na Educação Infantil**

Monografia apresentada como requisito obrigatório para obtenção do título Graduado em Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

São Gonçalo

2015

Lorena Mesquita Borges

**A importância da brincadeira na Educação Infantil**

Aprovado em: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora: \_\_\_\_\_

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes (Orientadora)

Faculdade de Formação de Professores da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Aline Gomes da Silva

Instituto Nacional de Educação de Surdos

São Gonçalo

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

B732    Borges, Lorena Mesquita.  
          A importância da brincadeira na educação infantil / Lorena Mesquita  
          Borges. - 2015.  
          46f.

          Orientadora: Profª Drª Jacqueline de Fátima dos Santos Morais.  
          Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado  
          do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

          1. Educação de crianças. 2. Jogos educativos. 3. Brincadeiras. I.  
          Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de  
          Professores. II. Morais, Jacqueline de Fátima dos Santos. III. Título.

**CDU 37-053.2**

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo propor uma reflexão sobre a importância da brincadeira na Educação Infantil. Partindo da minha experiência pessoal, procurei mostrar como o uso do brincar nas escolas é importante para o desenvolvimento da criança. Também procurei mostrar como as crianças veem as brincadeiras. Inicialmente, fez-se necessário conhecer um pouco da minha trajetória e qual o relacionamento eu tive com as brincadeiras desde a minha infância até chegar a este trabalho. Em um segundo momento, são apresentadas as questões relativas à brincadeira de uma maneira geral, comparando o uso da mesma hoje e na antiguidade. Logo após, é discutido a importância do brinquedo. Por último, apresento como as crianças pensam sobre a brincadeira, através do ponto de vista delas.

**Palavras-chave:** infância; brincadeira; brinquedos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 -	Minha infância, primeira escola.....	12
Figura 02 -	Formatura da Alfabetização (atual 1º ano).....	15
Figura 03 -	Festa da Caneta (5º ano).....	16
Figura 04 -	Apresentação de seminário no 3º ano do Ens. Médio.....	19
Figura 05 -	Turma do Pré II na Páscoa.....	20
Figura 06 -	Crianças brincando no pátio.....	28
Figura 07 -	Caderno de aula.....	30
Figura 08 -	Livro Didático adotado pela escola.....	3

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1– Lista de brincadeiras ditas por meninos e meninas .....	39
---	----

## **DEDICATÓRIA**

Dedico aos meus pais, pelo carinho, apoio, suporte e por terem confiado em mim ao longo da minha caminhada.



## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu Deus, que tudo pode, que nos criou e me concedeu a oportunidade de comemorar mais essa vitória. Assim como nem mesmo uma folha pode cair da árvore sem seu consentimento, sequer uma lauda poderia ter sido escrita sem sua permissão.

Agradeço ao meu Deus especialmente, pela vida da minha mãe, Marlene, do meu pai, Tarcisio e minha irmã Marcelly, que nunca mediram esforços para me ajudar, dando forças e me incentivando para que eu continuasse na luta durante essa etapa da minha vida. Nos momentos mais difíceis eles estavam intercedendo. Sempre me senti segura para continuar, pois sabia que os tinha ao meu lado.

Um agradecimento ao meu Deus, pelo meu esposo Cleir, que me apoiou carinhosamente no decorrer desse trabalho, sendo crítico e fazendo tudo isso com toda dedicação que só ele tem.

Agradeço ao meu Deus também, pela vida da minha orientadora Jacqueline Morais, por toda paciência durante esse tempo e por acreditar que eu era sempre capaz de ir além.

Enfim, para todas às pessoas que contribuíram e participaram na reflexão e realização deste trabalho.

Quando uma criança brinca, joga e finge, está criando um outro mundo, mais rico e mais belo, mais cheio de possibilidades e invenções do que o mundo onde, de fato, vive.

Marilena Chauí

## SUMÁRIO

<b>MEMORIAL.....</b>	<b>12</b>
<b>1. O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>22</b>
1.1 O BRINCAR .....	22
1.2 IMPORTÂNCIA DO BRINQUEDO . .....	23
<b>2. A BRINCADEIRA NA VISÃO DA CRIANÇA .....</b>	<b>28</b>
2.1 O BRINCAR NA INFÂNCIA .....	28
2.2 A ATIVIDADE DE PESQUISA .....	29
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>44</b>

**MEMORIAL**

Nasci em 06 de setembro de 1993, numa quarta-feira linda, de muito sol e barulho, devido à comemoração da Independência do Brasil. O tempo foi passando e chegou a hora de ingressar na escola, ou melhor, no Jardim de Infância Ursinho Feliz. Foi lá que tive o primeiro contato com massinhas, amiguinhos, parque etc.

Eu iria completar três anos de idade e fui estudar nessa pequena escola particular, situada no município de São Gonçalo, há poucos metros de minha casa. O espaço físico era bem debilitado pois a escola havia sido construída no que restou de quintal de uma casa que ficava nos fundos. Havia três pequenas salinhas. No parquinho, havia alguns brinquedos como: balanço, escorrego e gangorra. Havia dois banheiros, um com a porta azul e outro com a porta rosa. Um fato muito engraçado que ocorreu sobre esses banheiros foi que um dia sem querer entrei no que era exclusivo para meninos, mas despercebidamente. Enquanto eu estava lá dentro um menino empurrou a porta. Na mesma hora fiquei muito sem graça e pedi que ele fingisse estar brincando, tudo para eu conseguir disfarçar e colocar a minha calcinha. Assim ele fez, e ninguém ficou sabendo.



*Figura 1: Minha infância, primeira escola. Fonte: elaborado pela autora.*

As recordações que tenho dizem respeito às brincadeiras, que na maioria das vezes eram feitas dentro de sala e com massinha de modelar pois, como já citado, a escola não era muito grande.

Sempre que ocorria uma oportunidade, as professoras passavam flúor em nossos dentes, merendávamos ao ar livre e devíamos realizar atividades, mas delas eu não me recordo mesmo.

Dois anos depois mudei de escola. Essa nova escola já não se situava mais perto da minha casa. Eu estava ingressando agora no Jardim Escola Cultura e Ensino. Era uma escola que tinha do jardim ao 5º ano. Essa escola me encantou bastante. Era muito maior que a outra, logo era enorme. A entrada da escola era uma enorme varanda feita com telha colonial. As grades que cercavam a escola eram todas coloridas. Havia um corredor, também com tudo bem colorido e atraente. Ali estava a sala da direção e a secretaria. Logo a diante, se virasse a esquerda, encontrávamos a biblioteca, a sala de informática e duas salinhas de turma do jardim. À esquerda havia aquilo que para mim era a sensação: o parque. Havia uma vasta grama verde no parquinho. Lá havia também dois enormes balanços, um escorrego, um rodaroda e uma gangorra. Já na área de areia havia uma linda casinha de bonecas, como aquelas de árvore, só que no chão. Em frente ao parque havia uma rampa bem grande. Ali tínhamos acesso à cantina e às salas do 1º segmento do ensino fundamental.

Desta escola já consigo recordar mais algumas coisas. Na sala do jardim, onde eu estudei apenas um ano (jardim III), havia mesas com 4 cadeiras também coloridas. Na parede havia ganchos para pendurar as mochilas e várias prateleiras com potinhos de lápis, giz de cera, massinhas, alguns brinquedos, cadernos e folhas.

Recordo-me que quando era a hora do recreio, as turmas tinham horário separado. Os alunos do jardim não podiam brincar nos brinquedos grandes. Utilizavam somente o lego, o escorrega menor e o balanço bem devagarzinho. Às vezes eu ficava bem chateava, pois não podíamos correr. Se corrêssemos, podíamos cair e nos machucar. Ainda me pergunto se realmente essa preocupação era por conta das crianças, ou pelo que os pais iriam pensar se vissem seus filhos saindo da escola machucados. Talvez pensariam que a professora não vigiou direito, ou que a escola não tinha responsabilidade com o filhos “dos outros”. Também podiam pensar que seus filhos estavam felizes brincando e que por esse motivo podiam cair e ponto final.

O primeiro ano nessa escola se findou. Iniciou-se 1999 e com ele a Alfabetização (hoje chamado de 1º ano). Que máximo. Lembro até do nome da professora: Tia Celma.

Aquele ano foi bem importante para mim. Comecei a aprender a ler e escrever. Por esse motivo ganhei minha primeira bíblia sagrada infantil. Meus pais paravam na sala, sempre durante a noite, só para me ver lendo. Eu queria ler tudo: placas, outdoor, propagandas comerciais e afins.

Não me esqueço do primeiro dia de aula. Fui com um vestido bem rodado na cor marrom, com umas flores amarelas. Cheguei bem tímida, mesmo já conhecendo alguns amiguinhos, e consegui pagar o primeiro mico no primeiro dia de aula na Alfabetização (atual 1º ano). Em determinado momento da aula pedi para ir ao banheiro e assim que desci na porta, que devia ter aproximadamente 5 a 10 cm, me esborrachei no chão. Levantei como se não tivesse acontecido nada, mas o tornozelo doía um pouco. Fui ao banheiro e voltei, mas com o passar das horas não conseguia nem mexer o pé. Isso mesmo: havia torcido o tornozelo. Resultado? Fiquei as primeiras semanas inteirinhas em casa com o joelho de gesso enfaixado. Pior que isso, foi voltar para a escola e ver que praticamente todos já haviam criado laços de amizade e eu estava “de fora”. Mas a vida continuava.

O tempo foi passando e consegui criar meu primeiro laço forte de amizade, que duraria uns 4 anos. A Natanny foi a minha melhor amiga até 2005. Brigávamos, conversávamos e contávamos muitos segredos uma para outra. Um dos meus primeiros segredos foi a minha primeira paixãozinha. Dá para acreditar que aos 5 anos alguém possa gostar de outro alguém da mesma idade? Não dá, mas eu gostei. E o nome dele era Douglas: moreninho e lindo. Quando a Tia Celma nos levava para brincar no parque eu morria de vergonha se estivesse perto dele. Por falar em parquinho, vamos aprofundar o assunto. Já comentei que durante a Educação Infantil, eu tinha medo de correr e me machucar. Na classe de alfabetização nada mudou muito. A diferença é que eu podia agora me balançar alto, e junto com minha amiga Natanny. Nós fazíamos isso muito bem. Quando chegava bem lá em cima nos jogávamos na verde grama.

Também lembro-me muito bem da primeira festa que pude participar dançando. Foi a festa da primavera. Minha mãe comprou um maiô preto de bolinhas brancas. Quando chegamos na escola no dia da festa a professora colocou uma saia de TNT em mim. Para completar, desenhou também uma flor no meu rosto. A festa toda foi super legal, inclusive porque eu adorava correr, e como em dias de festa a responsabilidade era dos pais, as professoras nem ligavam e nos deixava correr, brincar, pular, virar de cabeça para baixo e mais o que desse para fazer.

Terminou então a Alfabetização com uma linda formatura no espaço da escola mesmo. Eu dancei com aquele menino, lembra? Isso, o Douglas. No final meu pai colocou um anél em meu dedo, me deu o primeiro livrinho e depois de muitas fotos voltamos para casa.



*Figura 2: Formatura da Alfabetização (atual 1º ano). Fonte: elaborado pela*

No ano 2000 ingressei para a 1ª série (hoje 2º ano), com a Tia Etiene. Que série diferente. Agora eu tinha aula de informática e podíamos ir na biblioteca quando a professora levasse. As aulas de informática com o Tio Chico eram muito divertidas. Nós brincávamos bastante com os joguinhos de caça palavras, quebra-cabeça, de colorir e outros. No recreio, nós podíamos correr um pouco mais. Já éramos mais “independentes”. Brincávamos muito na casinha de bonecas, local esse que era proibida a entrada dos meninos, pelo simples motivo que eles caçoavam de nós e achavam nossas brincadeiras bobas.

Aquela casinha sempre foi motivo de grande disputa entre as séries, pois todas as meninas praticamente queriam ficar ali dentro, mas ela não era tão grande assim. Durante as aulas, quase nunca brincávamos, pois tudo parecia ser bem programado. Tínhamos que “dar tempo” para a professora ensinar a matéria, tempo para fazer as atividades, além de dar tempo para o lanche. Nos perguntávamos em qual momento a professora iria brincar conosco ou nos

deixar brincar fora da hora do recreio? Em nenhum momento. Não consigo me lembrar de nenhum momento sequer.

Sobre essa questão do brincar na hora do recreio, faz-me pensar no porquê das meninas quererem brincar de casinhas, ou de funções domésticas e os meninos já quererem brincar de funções mais visadas. Segundo Guerra (2009. p,6), as crianças vão sendo socializadas e passam por processo de inculcação de “papéis” que irão exercer futuramente, no que diz respeito ao seu gênero. Guerra também contribui dizendo:

Em tenra idade, os brinquedos vão sendo direcionados, raramente escolhidos por afinidade, tendo a menina maior acesso às bonecas, roupinhas, casinhas, panelinhas, vassourinhas, tudo “inhas”, brincando mais quietinhas, visando, de modo nada neutro, criar um cenário propício para futuras donas-de-casa (rainhas do lar sublimadas, sem coroa, salário, valor social ou status) esposas, mães. E para eles, as bolas, carrinhos, com estímulo ao desenvolvimento da coordenação motora, correndo, pulando, subindo, trepando, sendo orientados a falar em público para ocupar esse espaço no futuro e também dirigir carros e suas próprias vidas; serem protetores, provedores e agressivos com suas espadas e espingardinhas de chumbo, sob modelos de super heróis dos quadrinhos: invencíveis.

Assim foi a vida na escola até o 5º ano brincadeiras só na hora do recreio e, é claro, sem correr muito para não cair. O curioso é que meu primeiro grande tombo não foi correndo. O segundo, também não. É isso mesmo, havia na escola um local onde iriam construir uma outra sala. Nesse espaço nós podíamos entrar pois era perto do parque. Lá havia muita lama quando chovia. Logo, andando passeando por ali eu consegui cair e ficar totalmente suja de lama. Coisas assim a gente não esquece jamais.

Em 2005, iria começar uma nova fase na minha vida. Já havia feito a formatura da 4ª série e vinha por aí a 5ª (atualmente 6º ano) . Junto dessa nova série vinha também o medo do desconhecido pois acaba se tornando real no momento em que várias pessoas começaram a falar da tão temida série. Era muitos livros, professoras, turmas grande e a escola maior ainda. Eu estava indo mais longe. Parti do Jardim Escola Cultura e Ensino para o Centro Educacional Célia Rosa. Era uma escola ainda mais distante da minha casa. Essa escola abrangia do jardim de infância ao Ensino Médio.



*Figura3: Festa da Caneta (5º ano). Fonte: elaborado pela autora.*



Que susto. No primeiro dia de aula, havia uma correria, gritaria, todos falando juntos e alto, um total desespero na minha mente. Não sabia se eu chorava ou se eu entrava no meio da confusão de pessoas. Havia meninos e meninas de todos os tamanhos e com os mais diferentes estilos. Tudo isso era muito novo para mim e estranho ao mesmo tempo. Creio que demorei por volta de um mês para conhecer de fato a escola inteira. Ainda saí daquela escola sem conhecer algumas salas, como por exemplo, a de vídeo.

Vamos começar falando então do espaço físico. Não preciso nem dizer que era muito grande. O espaço da Educação Infantil, como de costume, era separado, nos fundos da escola. Vou contar um segredo: os maiores alunos pulavam a grade quando ninguém estava vendo para se deliciar naquele balanço colorido e no escorrego que chamava a atenção de qualquer um, com tantas cores e desenhos diversos. No pátio do 6º ao 3º ano do Ensino Médio, só havia árvores, areia e um enorme escorrego feito de concreto. Como alguém iria escorregar ali se não fosse sentado em cima de um pedaço de papelão ou garrafa pet? Enfim ele só servia mesmo para as pessoas ficarem sentadas na escadaria ou ficarem quando ninguém estava vendo. Foi até por conta disso que antes do final do ano a escola murou o escorregão, como foi apelidado pelos alunos.

Cursei apenas a 5ª série naquela escola, pois minha mãe achou que o ensino não era de qualidade. Outro motivo foi o fato de a escola ser um pouco desleixada em relação ao comportamento de alguns alunos, várias vezes víamos alunos namorando dentro da escola, os professores faltavam e não dava explicações, além das poucas reuniões com a família.

Eis então que chegou a 6ª série. Agora estava em uma escola diferente de novo. Dessa vez bem diferente mesmo. Fui estudar em um colégio de freiras. Era o Colégio Franciscano Nossa Senhora das Graças. Esse colégio tinha do Jardim ao 9º ano. Caí de paraquedas no meio daquela escola. Cheguei lá sem conhecer praticamente ninguém. Conhecia apenas um menino chamado Pedro que havia estudado comigo no Cultura e Ensino.

Era uma escola bem rígida, ainda mais por ter um convento anexado à mesma. A rotina era bem diferente de tudo aquilo que tinha vivido. Nós tínhamos que formar todos os dias, com direito a fila de meninos meninas e mão no ombro do amigo da frente. Toda terça-feira cantávamos o hino nacional. Tínhamos aula de informática com a professora Estela. O ambiente também se diferenciava um pouco, pois havia o parquinho da Educação Infantil e um espaço com mesa de ping-pong para os maiores. Durante o horário do recreio ficavam diversas pessoas vigiando a todo tempo e sem contar com a diretora que era uma freira.

Comecei a ter aula de religião, momento esse que era usado inclusive para nos levar para a capela. Como eu não sou católica tive diversos problemas nessa questão. Lembro-me de uma vez, numa época de páscoa, que realizaram uma santa ceia para cada turma de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série. Todos deveriam comer carneiro gelado e tomar suco de uva (simbolizando vinho) na mesma taça. Me recusei. Fui, porém obrigada, infelizmente. Esse fato deixou a mim e a minha família muito tristes com a escola, e tivemos que reclamar ocasionando a demissão da docente.

Estudei nesse colégio até o 9º ano. Nossos momentos de brincadeiras se resumiam às aulas de educação física. Durante essas poucas horas, podíamos pular corda, brincar de correr (só dentro da quadra), brincar de pique-pega, de bola e do que mais a imaginação atingisse. Quando a quadra estava aberta e nós estávamos em aula vaga, pegávamos um copinho de Guaravita ou bolinhas de papel e jogávamos futebol, basquete, queimado. Jamais as bolas podiam ser disponibilizadas para os alunos sem o professor de educação física.

Um ponto a favor para essa escola era o acesso à biblioteca e aos livros que poderiam ser levados para casa sem nenhuma burocracia. Eu achava bastante graça quando comparava o colégio em que estudava com o que minhas primas estudavam. Enquanto nas aulas de arte da minha escola eu podia ouvir músicas pois como dizia a professora “aquela era uma oportunidade única”, na escola de minhas primas elas só faziam desenhos livres em blocos de papel A4.

Findou-se então, mais uma etapa da minha vida. Agora eu iria fazer 15 anos e ingressaria no Ensino Médio, numa escola estadual situada no município de Niterói. Outra vez teria que enfrentar o medo. Agora o medo era dos que estavam na escola com objetivos contrários a estudar, das meninas que não prestavam, dos pertencentes às classes mais baixas. Mas ainda assim fui para aquela escola. Nunca havia entrado numa escola pública, o que dirá estudar em uma delas. Mas tive que ir. Assim cursei do 1º ao 3º ano do Ensino médio, tendo que pegar ônibus lotados às 18h e correndo vários riscos. Quando terminei essa etapa de ensino, pude perceber que em alguns pontos eu havia me equivocado, como por exemplo, o fato de ter pessoas com uma renda baixa, mas que nem por isso eram pessoas sem objetivos de querer ser alguém na vida. Logo no primeiro ano que estudei lá, fui percebendo que nem todos que estudavam ali eram de lugares carentes, haviam muitos cujo os pais tinham condições de pagar uma escola boa, mas as vezes o aluno não se esforçava, e por isso, como se fosse um “castigo” os pais matriculavam seus filhos nessas escolas. Penso inclusive, sobre

esse fato, quanto casos desses já não houveram, tirando a oportunidade de quem realmente precisa estar nas escolas públicas.

Quando estava cursando o 2º ano do Ensino Médio, resolvi prestar a prova para o ENEM. Por sorte consegui ser aprovada na Faculdade Maria Thereza em Niterói para cursar Psicologia. Por conta da pouca idade que eu tinha, não podia ingressar na faculdade. Foi bem triste, mas eu tinha que enfrentar e seguir em frente.

Em 2010, o ano em que eu tentaria novamente prestar o vestibular, consegui chegar atrasada um minuto e perdi o Enem. Tinha somente a UFF e a UERJ para abrir as portas para mim. E assim foi. O tempo passou e o dia dos



Figura 4: Apresentação de seminário no 3º ano do Ens. Médio.  
Fonte: elaborado pela autora.

resultados foi chegando. Consegui ser aprovada no curso de Pedagogia na UERJ. Fiz toda feliz minha matrícula. Alguns dias depois, também fui aprovada para o curso de Biblioteconomia na UFF. Eu já havia realizado a matrícula na UERJ e como ficaria a UFF? Tive que deixar “pra lá”, o que deixou minha mãe bem triste. Tanto ela quanto minha irmã têm um vínculo com a UFF. Tive que escolher o meu caminho. Ainda meio perdida, mas escolhi o curso de pedagogia. Digo perdida pois eu nem sei o que me motivou a fazer pedagogia. Não conhecia nenhuma professora que não fosse as minhas da escola. Tampouco eu lidava com crianças. Ainda assim fui e segui firme e forte.

Veio o primeiro período e achei tudo muito estranho. Acabava de conseguir meu primeiro emprego como Jovem Aprendiz, na SGA Toyota e ainda por cima no setor administrativo. A única pergunta que soou na minha mente durante os primeiros 6 meses foi: “o que fazer: parar ou seguir?”. Eu escolhi seguir, ainda que um pouco desconfiada.

Quando a aula era sobre artes e ludicidade, jogos, Educação Infantil ou qualquer outra coisa que me fizesse refletir sobre a rotina na Educação Infantil e o que colaborava para o desenvolvimento do ser humano, a aula me encantava. Assim foi indo. Depois de um ano e quatro meses, havia chegado a data mais esperada da minha vida, o meu casamento. Aconteceria uma semana antes da minha demissão por redução de custos da SGA. Fiquei

desesperada, mas como a universidade estava em greve havia tempo para ver o que eu iria fazer. Exatamente um mês após eu me casar, uma amiga me indicou para ser auxiliar em uma creche escola, situada no município de Niterói. Lá fui eu. Consegui a vaga. Meu horário era de 12h às 18h. A rotina durante os três meses que trabalhei lá foi a seguinte, de 12h às 13 30h eu ajudava no jardim I. De 13 30h às 17 30h auxiliava no jardim III . Na última meia hora ajudava no maternalzinho. Assim se seguiu e foi a partir daí que comecei a perceber que havia escolhido certo, quando optei por ser educadora. Eu vi que gostava da correria, de trabalhar e instigar a imaginação e criatividade das crianças. Principalmente eu gostava de ficar observando todos os momentos em que as crianças brincavam. Parecia que só eu estava vendo as descobertas dos pequenos, as relações interpessoais etc.

Passados os três meses já estava iniciando janeiro de 2013. Uma ligação mudou muito a minha vida. Foi a oportunidade de ser a diferença na vida de alguns que passariam um ano inteiro comigo. Eu estava sendo escolhida para ser professora do jardim II numa escola particular, a menos de 10 minutos da minha casa. Foi uma notícia espetacular. Fiquei tão feliz que nem pensei nos pontos negativos. Só conseguia planejar, sonhar e sonhar mais um pouco. Chegou fevereiro. No primeiro dia de aula ocorreu tudo bem graças a Deus e a minha



*Figura5: Turma do Pré II na Páscoa. Fonte: elaborado pela autora.*

paciência. O ano foi correndo e aquilo que eu mais queria era ver meus pequenos de desenvolvendo. Por isso comecei a ler, pesquisar, perguntar e por em prática aquilo que eu estudava. Assim que cheguei à escola, no primeiro dia de reunião com as “tias” fui informada que não era permitido levar as crianças ao parquinho todos os dias. Fiquei me perguntando: como não levá-los ao parque? Mas era regra. Nenhuma regra fica de pé quando há uma forte argumentação contrária a ela. As pessoas não têm mais respostas para te dar, que sejam

suficientemente necessárias para satisfação. Foi assim que consegui a liberdade de ir ao parque quando e como quisesse.

Uma outra estranheza, foi a “bagunça”. Que absurdo, pensei eu. Como o momento de brincadeira pode ser um momento apelidado de bagunça? Não conseguia compreender, já que muitos são os autores que falam sobre a importância da brincadeira na Educação Infantil. Além disso, não queria que aquelas crianças crescessem como eu cresci, sem poder correr, gritar e se expressarem da maneira que desejassem.

Foi a partir desse momento e dessas reflexões que vi que aquilo que me cativava era a brincadeira infantil, a brincadeira livre, solta, sem interrupções. Assim, tentando perceber como brincam e quais benefícios esse momento pode trazer, resolvi escolher como tema de monografia a Brincadeira na Educação Infantil.

# 1 O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

## 1.1 O BRINCAR

Podemos perceber que ao entrar numa sala de aula, o que mais os alunos desejam, é brincar. Mas será que sempre foi assim? Rodrigues (2009) contribui dizendo que tudo que existe hoje passou por um processo até chegar ao que é. Segundo ROJAS (2007, p.13)

Os estudos de Ariès (1960) evidenciam que o sentimento sobre a infância começa a surgir lentamente na sociedade Ocidental entre os séculos XIII e XVII. A infância até então era desconsiderada nas suas especificidades. A criança pequena se transformava, imediatamente, em homem adulto, sem passar pelas etapas da juventude, aspectos essenciais na sociedade atual.

Ainda Ariès (1960 *apud* ROJAS, 2007 ) complementa que, na sociedade antiga, a criança já praticava alguns jogos e brincadeiras, como o arco, cartas e xadrez. E que alguns jogos eram divididos com adultos.

A brincadeira é uma das maneiras onde a criança pode se expressar, conhecer a si mesmo, aumentar sua independência, sua sensibilidade auditiva, motora e visual, desenvolver a linguagem oral, favorece a autonomia, interação, criatividade etc. Vale pensar sobre como muitos encaram a brincadeira nos diversos momentos durante a infância. Pois, por exemplo, no início da minha docência na atual escola que trabalho, sempre deixei meus alunos livres para brincarem dentro de sala e a secretaria quando entrava no nosso espaço, considerava como sendo uma bagunça ou desordem. Assim, acredito que nem todos acreditam que a criança possa ter algum aprendizado enquanto brinca.

Como afirma Almeida e Casarin (2002) independente de cultura, raça, credo ou classe social, toda a criança brinca. É possível ver, por exemplo, que isso ocorre no ambiente escolar, onde as crianças independentemente de onde vieram ou a classe social a que pertencem , elas brincam e brincam juntas. Presencio esse acontecimento no local onde leciono, é comum ver aquelas crianças, cujos pais não tem dinheiro para comprar um caderno, brincando junto com aquela criança que os pais tem uma condição um melhor.

Os motivos para considerar o brincar importante são inumeráveis. O direito ao brincar está amparado pela Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, denominada Estatuto da Criança e do Adolescente, acrescenta no Capítulo II, Art. 16º, Inciso IV, onde o direito à liberdade compreende, dentre outros, brincar, praticar esportes e divertir-se. O problema, segundo meu

ponto de vista, é que em algumas vezes a própria escola não assegura esses direitos à criança, assim como a própria área de em sua comunidade que não existe ou é bem precário.

## 1.2 A IMPORTÂNCIA DO BRINQUEDO

Nesse momento, seja lá com que objetos e materiais que a criança utiliza para brincar, ela estará aprendendo Brinca enquanto aprende e aprende brincando. Assim, Rolin et al (2008. p. 176), acreditam que as crianças utilizam o brinquedo para externar suas emoções, construindo um mundo a seu modo e, dessa forma, questionam o universo dos adultos. Consigo perceber bastante esse acontecimento dentro de sala de aula, enquanto brincam com bonecas, bonecos e carrinhos. Durante esse momento , eles gritam, opinam , imitam acontecimentos, tons de fala e diversas outras coisas.

De acordo com Kishimoto (2002 *apud* FANTACHOLI, 2011) o brinquedo é diferente do jogo. Brinquedo é uma ligação íntima com a criança, na ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização. E é uma verdade quase inquestionável, por que o brinquedo pode ser qualquer coisa que a criança pegue em algum lugar, como por exemplo eu brincava com caixas de fósforos , sacos de arroz, feijão , farinha , colheres, bacias e o que estivesse ao meu alcance. Logo, se ela pode escolher aquilo que ela vai brincar e como manipular o mesmo, a ligação com a criança fica mais íntima. Já o jogo, é uma brincadeira dirigida, pois alguém, geralmente o professor, escolheu pela criança e há existência de regras, caminhos e formas para que o mesmo aconteça de maneira correta.

Segundo KISHIMOTO (1994 *apud* Portal da Educação, 2013) o brinquedo é representado como um "objeto suporte da brincadeira", ou seja, brinquedo aqui estará concebido por objetos como piões, bonecas, carrinhos etc. Com um brinquedo em mãos, a criança pode manipulá-lo da maneira que quiser, logo a coloca na presença de reproduções e como se estivesse ensaiando o seu futuro. Tudo que existe à sua volta pode ser representado ludicamente. Um certo dia achei graça de uma cena que presenciei dentro de sala, enquanto minhas alunas brincavam de casinha, uma delas fazia o papel de neném, pelo fato de neném chupar chupeta e não ter um na caixa de brinquedos, a menina utilizou uma tampa de panela para ser a chupeta.

Segundo Oliveira (1984) com os brinquedos as crianças sonham, imaginam, exercitam todos os sentidos e significados possíveis, sente e vivem outros mundos.

Wajskop (1995) lembra que a brincadeira é uma situação privilegiada para a aprendizagem, visto que ao brincar o desenvolvimento infantil poderá alcançar níveis mais complexos devido às interações e ao que a imaginação propõe.

A importância da brincadeira também está ligada ao fato da criança poder fantasiar, imaginar, atuar em um papel que ela vê no seu dia a dia, pode ser o que e quem quiser enquanto brinca. Por exemplo, uma menina vê sua mãe penteando os cabelos, passando perfume, colocando salto alto, pegando a bolsa e saindo para trabalhar, já o menino, vê que na casa quem sai para trabalhar é papel do pai, em alguma oportunidade que ambas as crianças tiverem durante a brincadeira, irão fazer de conta que são a mãe e o pai. Irão reproduzir aquilo que veem no mundo dos adultos. Isso se confirma quando vai iniciando o mês de maio e é realizado na escola que trabalho o dia das meninas serem as mães e os meninos, seus filhos. O mesmo ocorre na época do dia dos pais. E é impressionante como as crianças imitam quase perfeitamente, mas a seu modo, seus pais e/ou responsáveis. Também tenho percebido que sempre no fim da aula, quando a sala já está ficando vazia, como algumas meninas gostam de brincar de professora e me imitam. Elas fingem ser eu e contam histórias, cantam músicas e tudo mais que faz parte de nossa rotina. Assim, afirma Dallabona e Mendes (2004, p. 06), por meio das atividades lúdicas, a criança reproduz muitas situações vividas em seu cotidiano, as quais, pela imaginação e pelo faz-de-conta, são reelaboradas.

Outro exemplo que diria ser bem rico para falar da reprodução do mundo em que as crianças estão, seria o momento em que meus alunos fingem ser policiais enquanto brincam quando estamos no parquinho, ou mesmo dentro de sala. Infelizmente a escola é situada em um bairro localizado no município de São Gonçalo, onde diariamente as crianças e adultos tem que lidar com confrontos entre traficantes e militares. Logo, quando as crianças tem oportunidade, eles escolhem um para ser a polícia e a função desse no parquinho é correr e “pegar” os outros, que são os bandidos. Em uma dessas vezes, algo me tocou bastante, pois enquanto todos corriam pelo parque brincando de polícia e bandidos, uma das minhas alunas sentou-se ao meu lado e me pediu que parasse a brincadeira. Na mesma hora tentai compreender por que ela havia me pediu aquilo e sem concluir nada, perguntei a ela o motivo e imediatamente ela me respondeu que era porque polícia machucava as pessoas. Assim, podemos ver como os pequenos reproduzem a realidade a seu modo enquanto brincam.

Pode-se ver como a comunicação das crianças fica clara durante esse momento descontraído que é o brincar, pois se ela vivencia dentro de casa, ou na escola alguma



situação, seja ela qual for, enquanto brinca, ela irá reproduzir aquilo de maneira clara e sincera. Lembro-me bem, quando eu ia para dentro do meu quarto brincar de professora com meus bichinhos de pelúcia e no momento de ensinar a atividade a eles, eu gritava, e minha mãe deduzia que a minha professora da escola também gritava. Até hoje ela fala para deixarmos as crianças brincarem e ficar observando, pois segundo a mesma, criança não mente.

Por isso é importante que o adulto que acompanha a criança nesse ato (professor, pais e babás), esteja atento ao que a criança expressa e seu comportamento na brincadeira, pois ali ela estará demonstrando, já que imita a realidade, como é sua vivência dentro de casa, na sala de aula, com seus amigos, tios, avós e quem mais o cercar. Através da atenção, é possível identificar se aquela criança é triste, feliz e se ela interage bem com os que estão a sua volta, é possível ver também a maneira como lhe dá com a perda, com a partilha de objetos, qual o tom de voz numa discussão e até mesmo se possui necessidade de alguma atenção especial devido a um comportamento diferenciado.

Então qual será o papel do professor durante o ato do brincar? Apesar de ver muitos professores se preocupando e dando o melhor de si para que a brincadeira seja bem aproveitada, muitos dos docentes ainda vêm esse momento como de pura descontração e/ou preenchimento de uma hora mal planejada, ignorando assim qualquer importância que esse ato apresenta.

É indispensável ver a riqueza e a função educacional da brincadeira enquanto professor da Educação Infantil. Quando o professor utiliza desse recurso, que é o brincar, o aprendizado se torna mais divertido, atraente e prazeroso, fazendo com que a criança aprenda dentro do seu mundo. Através das brincadeiras o professor desperta a atenção para uma atividade. É possível ensinar ao aluno diversos conteúdos através dos jogos e das brincadeiras. Como diz (OLIVER, 2012, p. 17),

O educador deve considerar as múltiplas possibilidades educativas. Isto significa que o educador tem a responsabilidade de proporcionar momentos e condições necessárias, contribuindo ao máximo para desenvolvimento da criança. Ele precisa conscientizar-se que brincando as crianças recriam e estabilizam aquilo que sabem sobre as mais diversas esferas do conhecimento, em uma atividade interativa e imaginativa.

O professor deve então, ter em mente os seus objetivos e planejar conforme as condições e necessidades da turma em que leciona. Sem ter um planejamento, o aluno percebe e não é provocado no mesmo a motivação. É preciso que seja estimulado na criança o gosto

pelas brincadeiras e jogos que o professor irá apresentar para que seus objetivos sejam alcançados.

De acordo com Silva e Santos (2009), A prática da brincadeira na escola promove aspectos diversos na criança que serão de suma importância para o seu desenvolvimento biopsicosocial, sendo imprescindível para uma formação sólida e completa.

Nesse contexto, vale refletir sobre o brincar livre e dirigido. Ambas são aprendizagens para a vida e devem ser planejadas, onde o professor desempenhe o papel de mediador, observando e fazendo as intervenções necessárias. Como dizem Almeida e Casarin (2002), o adulto interfere nas atividades lúdicas para impedir situações de perigo, de risco, age também para garantir a continuidade da brincadeira, fornecendo um conhecimento que as crianças ainda não atingiram.

Segundo Valdez et al (2011), no brincar dirigido, definimos previamente as atividades a serem ofertadas e seus objetivos, e as crianças executam a ação que foi solicitada. É algo mais elaborado, existe uma intencionalidade do brincar. Como afirma Carli (2007. p.07),

No que diz respeito ao brincar dirigido, ele é entendido à luz de algumas teorias sobre a aprendizagem, onde a atividade lúdica é direcionada para fins de aprendizagem e a criança vive experiências em níveis diferentes de complexidade e envolve assim através do brincar, suas capacidades cognitivas, ou seja, o brincar dirigido como um procedimento que pode compor o processo diagnóstico do psicopedagogo.

Já no brincar livre, é preciso deixar as crianças soltas, onde possam brincar da maneira como querem. Segundo Silva (2003, p,05) , Os materiais que podem servir de base para o jogo livre, por exemplo, são: brinquedos de parque, bonecas e carrinhos. Carli (2007. p,07), contribui dizendo que :

O brincar livre, conceitua-se pelo lúdico informal, geralmente no espaço familiar: de passeios, de comunicação, de informação, de descobertas, de assistir televisão, enfim, brincadeiras que, apesar de serem de iniciativa da criança, sem pretensões educativas, assumem características de aprendizagens consideráveis para ela, que se utilizando de conhecimentos pré-adquiridos, possibilitam a apreensão de novos, para apropriar-se de seu entorno, desenvolvendo sua cultura lúdica.

Logo, o momento da brincadeira é oportuno para que a criança adquira experiências e saiba se relacionar com os outros e com o mundo em que vive. Ampliando assim, o conhecimento à sua volta e sobre si mesmo. Conforme Dallabona e Mendes (2004. p, 04),

A criança brinca porque brincar é uma necessidade básica, assim como a nutrição, a saúde, a habitação e a educação são vitais para o

desenvolvimento do potencial infantil. Para manter o equilíbrio com o mundo, criança necessita brincar, jogar, criar e inventar.

É na brincadeira que a criança consegue identificar e vencer seus limites. Supera seus medos, eleva a autoestima, desenvolve o raciocínio e a inteligência. Segundo Oliveira (2013), esse desenvolvimento acontece desde os primeiros anos de vida quando ainda n berço manipula brinquedinhos. A partir de um ano de vida, ela já adquire a liberdade de escolha. Com três anos a criança já utiliza dos brinquedos para representar sua realidade, através do faz-de-conta.

## 2 - A BRINCADEIRA NA VISÃO DA CRIANÇA

### 2.1- O BRINCAR NA INFÂNCIA

A brincadeira é um dos meios pelos quais uma criança pode aprender, se relaciona, compreende a noção de certo e errado, quem manda e quem obedece. Ela também pode aprender a ceder, respeitar limites, a se organizar e organizar um grupo para que brinquem juntos. Durante os momentos de brincadeira na minha turma percebo essas aprendizagens acontecendo, quando, por exemplo, as meninas vão brincar de “casinha da boneca”. Uma delas “toma” a frente, passando a ser a líder daquele grupo, organizando quem será a mãe, quem será a filha, se a mãe terá de levar a filha no médico, para a escola, para passear. Decide também o momento da comidinha, etc. Na hora de pegar o brinquedo dentro da caixa é outro dilema, pois as crianças têm que resolver quem vai pegar tal brinquedo e quem não vai. Nesse momento é certo que um ou outro saia com mais brinquedos nas mãos. Nesta hora outros vêm se queixar comigo sobre o ocorrido: “Tia, ele (a) pegou um monte de brinquedo e eu só tenho um”.



Figura 6: Crianças brincando no pátio.. Fonte: elaborado pela

Tudo isso que coloquei acima é o que, em geral os adultos pensam sobre brincadeiras. Mas, o que os alunos da Educação Infantil pensam sobre essas relações apontadas anteriormente? Para poder realizar esta discussão, resolvi investir em uma atividade de pesquisa que pudesse me oferecer dados empíricos. Como sou professora de uma turma de Educação Infantil, usei meu grupo de estudantes para investigar o que eles pensavam sobre brincadeiras.

## 2.2 A ATIVIDADE DE PESQUISA

No dia 13/06/2014, em uma sexta-feira, após a hora do lanche, sentei com minha turma do Pré II numa grande rodinha para juntos conversarmos sobre o que seria brincar para meus alunos. Rodinha é o momento, na escola, em que alunos e professores se sentam no chão ou nas cadeiras, em formato de roda. Nesse espaço podemos conversar olhando um para o outro, vendo a expressão do outro. Assim, podemos dialogar, sorrir, contar histórias, bater papo, cantar músicas etc. Oliveira, Morais e Braun (2010, p. 252), dizem:

Mais que uma forma de dinamizar um certo aprendizado ou efetivar um objetivo ou conteúdo curricular, as rodas têm representado no cotidiano uma oportunidade de diálogo, conhecimento, pesquisa e aprendizado, não só para os alunos, como também para nós, professoras.

Entendo que nesse momento da rodinha, tanto os alunos como os professores podem aprender por menos idade que a criança tenha. A oportunidade de conversar olhando um para o outro é boa para compartilhar ideias, ver quem é contra, quem é a favor, saber os motivos que levam a tal opinião etc. Ainda, Oliveira, Morais e Braun (2010, p.254) prosseguem dizendo:

Assim, podemos dizer que a prática das rodas pode ser compreendida como uma dinâmica identificada com ações e práticas que conduzam à pesquisa, à indagação, à construção de um posicionamento crítico.

Assim, a partir da citação a rodinha é importante para o aluno, mas também para o professor, pois nesse momento, além dos alunos poderem ouvir o que os amigos têm a dizer questionar, ajudar, se relacionar, o professor pode conhecer seus alunos, indagá-los e ver outros pontos que na hora da rodinha podem vir a aparecer, como por exemplo, aquele aluno que não participa das conversações.

Trabalho em uma escola particular, no município de São Gonçalo. O espaço físico da escola é simples, 17 salas de aula, um parquinho coberto, uma sala de vídeo onde tem alguns livros, mas pouco utilizados. Há aulas de inglês, música e educação física para os alunos do 1º ano em diante. As turmas de Educação Infantil tem aulas somente de Informática, já o ballet e futebol são disponibilizados como opção, pois é preciso pagar separado da mensalidade mensal. Ao todo a escola possui 900 alunos, divididos em 16 turmas pela manhã e 17 no período da tarde. A escola foi fundada no ano de 1979, portanto ela existe há 35 anos. Sempre pertenceu à mesma diretora.

Trabalho nesta escola há dois anos, a convite da diretora e dona da escola. Estava eu certo dia na Faculdade de Formação de Professores-UERJ, localizada no município de São Gonçalo-RJ, na aula de Psicologia, quando recebi uma ligação da diretora, que estava com meu currículo em mãos. Ela me convidou para uma entrevista. Assim que cheguei na escola, conversamos. Ela me perguntou se eu aceitaria assumir uma turma do Jardim II. Deixei bem claro que não tinha o curso normal, mas estava cursando Pedagogia. Ela aceitou e sai da escola contratada. Fiquei muito feliz e ansiosa para que as aulas já se iniciassem. Gostaria de ver como eram as crianças e participar da rotina escolar.

No primeiro ano em que trabalhei lá, em 2013, lecionei em uma turma do Pré I, onde as crianças têm 5 e 6 anos. No ano de 2014, período em que escrevo esta monografia, continuo com esta mesma turma. Hoje eles estão no Pré II. Esta turma é composta por 30 alunos, divididos em 17 meninos e 13 meninas numa média de 5 a 6 anos. Há também uma auxiliar de turma, que me ajuda na hora das atividades, leva ao parquinho, dá o lanche, leva ao banheiro etc. A auxiliar de turma na escola que trabalho se caracteriza uma funionária, formada em Pedagogia ou não, que esteja pelo menos cursando o Ensino Médio. Trabalhamos com um caderno de aula, um caderno de casa, um livro integrado chamado “Marcha Criança” e um caderno de desenho. Usamos o livro e o caderno de aula alternadamente por semana, com o propósito que todo o planejamento anual seja cumprido.



*Figura 8: Livro didático adotado pela escola. Fonte: elaborado pela autora.*

Como a escola é situada num bairro distante do centro da cidade, o público dominante é pertencente à classe popular. Os alunos são filhos de atendentes de loja, pedreiros, balconista etc.

No sentido de ficar mais claro o horário semanal de minha turma, coloco aqui o planejamento geral que seguimos, com as atividades que fazemos. Na segunda, quarta, quinta e sexta-feira, a rotina é bem parecida: às 13h o portão abre e fecha às 13:20h. Nesse intervalo eu e a auxiliar pegamos os livros didáticos “Marcha Criança” ou os cadernos de aula e de casa para colar as atividades, que podem ser de Português, Matemática, Sociedade ou Natureza, dependendo do dia da semana. Essas atividades servem para que eles aprendam o alfabeto, os números de 0 à 40, o trânsito, os seres vivos e não vivos, aprendem a viver em sociedade, a lidar com a água e com os animais. Os sucos também são levados à geladeira nesse período de tempo, já com os nomes escritos nas garrafas. Após todas as crianças chegarem à sala de aula dou início às atividades no caderno de aula ou no livro. Que geralmente dura uma hora. Quando digo que usamos o caderno de aula ou o livro, é porque uma semana usamos os cadernos de aula, colando as atividades feitas por mim e outra semana as atividades do livro. Às 14:30, quando todas as crianças já acabaram de realizar as atividades no livro ou no caderno, as deixo brincando de massinha plástica, brinquedo ou colorindo o caderno de desenho, que é usado para colar desenhos de datas comemorativas de cada mês.

Às 15:00h é o horário do lanche, nessa hora peço ajuda a todas as crianças e a auxiliar para arrumar a nossa sala de aula que ficou um pouco bagunçada depois das atividades no caderno ou no livro. Assim que a sala de aula já está arrumada, peço que todos fiquem

quietos, e então, às vezes eu mesma pego o lanche nas mochilas, e às vezes chamo de um a um para que eles mesmo peguem.

Às 15:30h quando todos já acabaram de lanchar, a auxiliar de turma leva metade dos alunos ao parquinho. Eles brincam neste espaço por cerca de 20 minutos. Depois disso, a outra metade da turma é levada.

Às 16:30h são distribuídas as mochilas e às 17:00h é a hora da saída. Na terça-feira a rotina é um pouco diferente, pois algumas meninas fazem ballet, alguns meninos futebol. Nesse dia não tem atividade no caderno de aula e no livro. É o dia do trabalhinho, que é uma folha com atividades de coordenação motora ou pintura que colocada dentro de uma pasta de plástico no final de cada bimestre. Na terça-feira também é dia da aula de Informática. Não tem um horário específico para essa aula. A professora de Informática os leva no horário melhor para ela e para mim, e eles permanecem lá na sala de Informática, onde tem vários computadores, por cerca de 30 minutos.

Como já havia dito, fiz com minha turma uma grande rodinha no dia 13/06/2014 para conversarmos sobre o que é brincar. Com o objetivo de saber qual a opinião das crianças sobre a brincadeira, realizei uma conversa com elas. Há 30 alunos matriculados nessa turma, mas no dia que conversamos sobre a brincadeira, só havia 26 em sala de aula. Enquanto eu ia fazendo as perguntas e eles respondendo, a auxiliar de turma foi filmando. A conversa foi muito gostosa, mesmo tendo durado cerca de 6 minutos. Escolhi filmar para que todas as falas pudessem ser transcritas exatamente como foram faladas. Desta forma, abaixo trago a conversa na íntegra e logo após uma pequena reflexão que fiz de alguns aspectos que esta conversa me remeteu. O diálogo que segue vem com o nome da real criança e logo depois sua fala na íntegra, para que dessa maneira fique mais clara a compreensão da nossa conversa.

Comecei perguntando:

(LORENA): O que é brincar? Fala pra tia.

(MARIA CLARA): Correr!

(LORENA): Tá, mas o que é brincar? Que mais?

(KARINE): Comidinha.

(GUSTAVO): Futebol, tia.



(KAIO): Carrinho.

(EDUARDA): Boneca.

(CAIO): Massinha e parquinho.

(RENAN). Tia, tia, de parquinho.

(LORENA): O que mais? Um de cada vez.

(RENAN): Carrinho no parquinho.

(GUSTAVO): Futebol tia, bola.

(ANA LUÍSA): Eu não falei...

(LORENA): Fala Ana Luísa.

(ANA LUÍSA): De ir no parquinho.

(CAROLINA): Ô tia, ô tia, eu gosto de brincar... de boneca. Sabia que eu tenho um monte de boneca lá em casa? Meu aniversário vai ser da Frozen.

(LORENA): E de que vocês mais gostam de brincar? Fala Maria Clara.

(MARIA CLARA): De brinquedo.

(LORENA): Vai Karine, agora você.

(KARINE): Brincar de jogo.

(LORENA): Vai José Vitor, fala agora.

(JOSÉ VITOR): De carrinho.

(LORENA): Vai Renan, fala.

(RENAN): De massinha e boneco.

(KAIO): Eu!

(LORENA): Fala Kaio.

(KAIO): Eu gosto de... carro.

(LORENA): E vocês aqui da outra mesa, do que vocês mais gostam de brincar?

(ANA LUÍSA): Gatinha Marie.

(CAIO): Massinha, tia.

(LORENA): Manu, fala você agora.

(MANU): Eu gosto de massinha.

(LORENA). Vai Yasmin, do que você mais gosta de brincar?

(YASMIN): É, eu não sei.

(LORENA): A tia está falando, mas não está escutando. Tem amigo falando junto comigo. Vai Yasmin, fala do que você gosta.

(YASMIN): De gatinha Marie.

(LORENA): Do que mais vocês brincam?

(GUSTAVO): Eu gosto de bola.

(LORENA): Hum, bola. Do que mais? Um de cada vez.

(VICTOR): Capoeira.

(JOÃO GABRIEL): O tio do futebol já chegou tia?

(LORENA): Não, senta lá.

(GUSTAVO): De boneco.

(PYETRO): Carrinho.

(MARIA CLARA): De cachorro, de cachorro, tia.

(LORENA): E porque que vocês gostam tanto de brincar?

(ANA LUÍSA): Não falei!

(LORENA): Então, fala.

(ANA LUÍSA): De gatinha Marie.

(LORENA): Mas porque é legal brincar?

(GUSTAVO): Porque é legal.

(VICTOR): É legal.

(KARINE): Correr tia.

(LORENA): Só isso?

(KARINE): Porque tem que brincar, ué.

(LORENA): Mas tem que brincar?

(JOSÉ VITOR): Brincar é coisa de criança.

(ANA LUÍSA): É, brincar é coisa de criança.

(KAIO): Eu gosto de brincar.

(KARINE): Eu gosto de andar de patins.

(MARIA CLARA): Eu também, patins.

(CAIO): Eu tenho avião, tia!

(KARINE): Eu brinco porque minha mãe tem que fazer as coisas.

(EMANUELLE): Tia, sabia que quem brinca comigo é minha avó?

(LORENA): E a mamãe?

(EMANUELLE): É porque ela tem dor nas costas e fica cansada.

(PYETRO): Tia minha irmã não brinca comigo.

(LORENA): Por que, Pyetro?

(PYETRO): Ela é neném tia.

(ANA LUÍSA): Minha mãe brinca comigo, minha mãe brinca comigo.

(LORENA): Quem brinca com vocês em casa?

(VICTOR): Minha mãe.

(RENAN): Eu!!! Eu tia.

(LORENA): Fala Renan.

(RENAN): A gente vai no parquinho depois?

(LORENA): Não já tá na hora de ir pra casa.

(KAIO): Minha mãe, meu pai, meu irmão, minha avó e meu avô.

(LORENA): Meu Deus, a família inteira?

(VICTOR): Tia, bem Luquinhas tá batendo nos outros aqui.

(JOSÉ VITOR): Minha avó, tia.

(ANA CAROLINA): Tia, você você sabia que eu tenho dois cachorros lá em casa?

(LORENA): É mesmo?

(ANA CAROLINA): Um é grandão e outro é pequeno. E eu bem brinco com eles.

(LORENA): Que legal.

(YASMIN): A gente vem pra escola pra brincar.

(THIAGO): Não é nada. A gente vem pra escola pra estudar. Não é tia?

(LORENA): É Thiago, e a gente brinca também.

(LORENA): Agora eu vou perguntar uma coisa e as meninas não podem falar, tá bom?

(EDUARDA): Por que tia?

(LORENA): Pode perguntar? Mas espera ai, tem gente subindo em cima da mesa, não é José Vitor?

(JOSÉ VITOR): João Gabriel também.

(JOÃO GABRIEL): Não subi nada, tia. Tia, não subi, ele tá de mentira.

(LORENA): Chega disso.

(MATHEUS): Pode tia!

(GUSTAVO): Pode!

(RENAN): PODE!

(KARINE): SIM!

(KAIO): Pyetro, me dá o carrinho!

(LORENA): Pyetro e Kaio não pode trazer brinquedo pra escola. Vocês sabem, a direção não permite. Todo mundo fecha a boquinha e abre o ouvido pra escutar. Só os meninos podem falar.

(EDUARDA): Depois a gente fala, tia?

(LORENA): Depois. De que os meninos brincam?

(PYETRO): Boneco.

(RENAN): Carrinho tia.

(VICTOR): Tia, de carrinho.

(GUSTAVO): De boneco.

(MATHEUS): Homem de ferro.

(GUSTAVO): De futebol.

(VICTOR). De bicicleta.

(LORENA). Agora os meninos vão ficar quietinhos e só as meninas vão falar. Do que as meninas brincam?

(RENAN): De boneca.

(KARINE): De maquiagem e de boneca.

(CAIO): Tia, eu brinco de caiffa.

(MARIA CLARA): Patins tia.

(EDUARDA): Tia, eu também tenho patins.

(YASMIN): De levar o neném pra escola.

(ANA LUÍSA): É, e de dar comidinha.

(LORENA): Isso mesmo, agora vamos sentar bem bonito pra tia entregar as mochilas.

LISTA DE BRINCADEIRAS DITAS POR MENINAS	LISTA DE BRINCADEIRAS DITAS POR MENINOS
Correr	Futebol
Comidinha	Carrinho
Boneca	Boneco
Parquinho	Massinha
Brinquedo	Bola
Jogos	Avião
Gatinha Marie	
Patins	
Bichos de estimação	

*Tabela 1: Lista de Brincadeiras ditas por meninos e meninas. Fonte: elaborado pela autora*

Vê-se que há diferenças entre as brincadeiras que as meninas disseram e as que os meninos nomearam. Acredito que uma das principais causas seria a cultura, pois desde pequenos, as crianças recebem brinquedos diferenciados para meninos e meninas. Logo, se um menino vai brincar com uma boneca, algumas pessoas já o corrigem dizendo que boneca não é coisa de menino. Isso se dá como um reforço que a sociedade faz a cada dia, dos papéis sociais de cada gênero. Assim, se a menina brinca de boneca e comidinha, se acredita que lá no futuro ela vai ter um filho e cuidar dele, além de ter que fazer a comida para sua família. Como afirma Finco (2003, p. 8):

Considera-se que as relações das crianças na educação infantil apresentam-se como forma de introdução de meninos e meninas na vida social, quando passam a conhecer e aprender seus sistemas de regras e valores, interagindo e participando nas construções sociais.

Após ler a citação acima, percebo que os valores que a brincadeira passa, já começam desde muito cedo na vida das crianças e ficam para a vida toda. Os valores da boneca, que significa cuidar dos filhos, o valor da comidinha e panelinha, que é fazer as refeições para sua família, os valores do carrinho, que é a vontade do homem de ter um carro quando adulto e o valor da bola, que é a paixão de alguns homens pelo futebol ou outro esporte.

Outro aspecto que vale a pena ser observado a partir das falas das crianças é a dita pela Carolina: “Meu aniversário vai ser da Frozen”. Nessa frase observo a grande influência da mídia na vida infantil. A criança que tem acesso às mídias quer imitar e quer ser o que vê nas telas. Quando observo meus alunos brincando, vejo e escuto eles imitarem seus ídolos. As meninas fingem estar vestidas com determinadas roupas, fingem que encontram príncipes nas brincadeiras, cantam as músicas dos filmes que gostam e dançam. Os meninos não fazem muito diferente: sempre que levam bonecos para a sala de aula, imitam lutas e toda braveza dos personagens de desenhos e filmes. Não é preciso ir muito longe para ver a influência dos personagens da televisão, vivo isso com meu sobrinho de apenas um ano e meio, que assiste o desenho da Peppa Pig, desenho infantil que passa na televisão, no canal Discovery Kids todos em dias, que relata vários acontecimentos na vida de uma porquinha chamada Peppa e sua família. Mesmo sendo ainda pequeno, percebo que quando vamos em alguma loja e ele avista algo da porquinha, fica todo entusiasmado. Os pais, mesmo sem querer, estimulam esse comportamento, uma vez que compram o personagem de pelúcia, sandálias que trazem a figura bem como em outros objetos e brinquedos. Eu mesma quando criança, admirava bastante as bonecas Barbie e Minnie. Gostava de assistir aos desenhos que passavam na televisão e queria ter todas as roupas delas. Infelizmente, não podia comprar, pois meus pais achavam que era algo “amaldiçoado”, não era de Deus. Logo, minhas festas de aniversário eram sempre de personagens considerados “bons”, como Moranguinho, Ursinho Pooh, considerado pelos meus pais como algo mais infantilizado.

Tenho bem próximo um familiar que não permite que as filhas assistam televisão, ou que tenham qualquer contato com filmes, músicas e desenhos animados, se não for gospel. Ele acha que as crianças podem querer imitar e se rebelar contra Deus. Sei que cada um tem sua crença. Também sei que muitas vezes as crianças imitam o que veem, mas penso que não podemos simplesmente tirar algo que está na vida social das crianças.

Outra fala que chama bastante atenção na conversa com as crianças é: “Brincar é coisa de criança!”. É notável que a brincadeira é essencial na vida de uma criança, envolvendo emoções e laços afetivo.

Penso ainda que se as crianças têm tempo disponível para brincar, elas devem fazer isso, é direito delas. Assim, brincar se consagra como “uma coisa de criança” porque a imaginação é livre e solta para esse momento, assim como o tempo.

A brincadeira é uma maneira de se libertar, de demonstrar aquilo que vive, sente e gosta ou não. As crianças gostam de brincar em qualquer lugar. Os meus alunos gostam de brincar dentro da sala, com o lápis de escrever na hora das atividades. Vejo que na igreja que frequento as crianças brincam enquanto assistem ao culto. Na rua há várias crianças brincando. A escola é lugar de brincar? Se a escola é lugar de aprender, e se brincando a criança aprende, a escola é lugar certo para brincar. Percebo que alguns professores ainda olham para a brincadeira como uma perda de tempo. Dificilmente presencio professores brincando por brincar com seus alunos. Só o fazem quando querem mostrar um conteúdo novo. Brandão (2004, p.12) contribui dizendo que: “A ludicidade na escola facilita a convivência entre alunos, e entre professores e alunos”.

Dessa forma, o lúdico ajuda no processo de aprendizagem, sendo facilitador para alunos e professores, pois o professor ensina de uma maneira que a criança gosta.

## **CONCLUSÃO**



Diante de todas as informações obtidas nesse estudo, eu concluo que é importante pensar nos jogos e brincadeiras como sendo atividades que privilegiam o desenvolvimento de muitos aspectos nas crianças, ajudam na construção do conhecimento da realidade e na interação social.

Cabe dizer que, infelizmente, alguns professores ainda deixam as brincadeiras e os jogos para alguns momentos de suas aulas, usando-os de maneira limitada. Assim, fica aparente uma separação entre o prazer e o conhecimento para que, então, o aluno aprenda.

A educação tem grandes desafios e um deles é promover a mudança, ainda mais quando a mesma já se tornou um ritual no ambiente escolar. Ou seja, incluir a ludicidade numa rotina escolar, pode ser algo que pareça fácil, mas que para algumas escolas não é tão simples assim. Existem ainda aqueles que encaram esse momento de divertimento como sendo uma perda de tempo. Pensam que a brincadeira é só levar no parquinho e deixar as crianças lá por determinado período de tempo ou simplesmente dar algumas peças de brinquedos às crianças. O aprender vai além do giz, cadernos e livros. A criança aprende a todo momento e, em especial, brincando.

O caminho do aprendizado na infância é o brincar e os professores, enquanto mediadores desse processo devem reconhecer e oportunizar o crescimento da criança, incluindo em sua prática docente o lúdico, o prazeroso. Para isso, precisará que esse educador, seja flexível e dinâmico, para que não inclua os jogos e brincadeiras de forma “solta”, mas interligada conforme os conteúdos escolares, oferecendo para seus alunos, uma forma divertida de aprender.

Brincar e jogar são coisas simples que a crianças faz no seu dia a dia e existe na vida dos indivíduos, embora com o passar do tempo os jogos e brincadeiras mudem. Nesse simples ato de jogar, a criança se expressa, socializa-se, desenvolve-se etc.

Durante todo esse trabalho, passei a observar com mais frequência e olhar mais atento, tanto meus alunos, quanto as crianças, em geral, ao meu redor. Percebi com muitos se desenvolveram na escola e que a brincadeira ajudou bastante nesse processo.

Pude perceber também como algumas crianças tinham dificuldades para se integrar, já outras tinham facilidade para ser o “líder” do grupo, de se expressar, expor as ideias, organizar. Vi algumas crianças se desenvolverem bastante.

Como professora, penso que muito me ajudou essa pesquisa, pois pude enriquecer meus conhecimentos sobre esse tema, que para mim tem uma importância na vida das crianças. Evidenciei ainda mais como o jogo é uma ferramenta proveitosa na vida do educador. Através desse ato prazeroso, pude ensinar vários conteúdos de maneira que as crianças se divertiram.

Como tia, prima, e um dia mãe, penso que é bom que as crianças tenham acesso em suas escolas a jogos e brincadeiras e que os professores estejam abertos a essas possibilidades de aprendizagem. Planejem esses momentos e organizem para que a criança possa se desenvolver.

Terminado este trabalho, ressalto que o mesmo está pronto, mas não acabado, e que das leituras e releituras que foram e serão feitas sobre o tema, surgirão novos questionamentos, críticas e reflexões para que novos trabalhos venham ser construídos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Damiana Machado de; CASARIN, Melânia de Melo. **A importância do brincar para a construção do conhecimento na Educação Infantil.** Revista Educação Especial, Santa Maria, n. 19, p.01-06, 04 abr. 2002. Quadrimestral. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/educacaoespecial/article/view/5133/3158>. Acesso em: 22 mai. 2014.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1981. 279 p.

BRANDÃO, Danila Laura. **O Lúdico na Educação Infantil**. Pedagogia. Cuiabá- MT, 2004. 62f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Afirmativo. 2004.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BUENO, Elizangela. **Jogos e brincadeiras na educação infantil: Ensinando de forma lúdica**. Monografia (Licenciatura) – Curso de pedagogia, Faculdade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Disponível em <http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ELIZANGELA%20BUENO.pdf>

CARLI, E.(2007). **A importância do brincar para o desenvolvimento e aprendizagem da criança de 0 a 6 anos**. Disponível em: [http // www.abpp.com.br/monografias/01.htm](http://www.abpp.com.br/monografias/01.htm)  
Acesso em 10 mar. 2014.

CARVALHO NETO,; MARSICO, Armando Coelho De/; TERESA, Maria. **Marcha Criança Integrado - Educação Infantil**. São Paulo: Scipione Didático, 2010. 312 p.

CRAVO, Alessia Costa de A.. **Brincadeiras Infantis: TEORIZANDO SOBRE SUA IMPORTÂNCIA**. Direcional Educador, Alagoínhas, n. 50, publicado em: mar. 2009. Mensal. Disponível em: <http://www.direcionaleducador.com.br/artigos/brincadeiras-infantis>  
Acesso em: 06 mar. 2014.

DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schmitt. **O lúdico na educação infantil: Jogar, brincar, uma forma de educar**. Revista de divulgação técnico-científica do ICPG, Santa Catarina, v.1, n. 4, jan.-mar./2004. Disponível em <<http://www.slideshare.net/brinquedotecajoanadarc/o-ldico-na-educaao-infan-tiljogar-brincar-uma-forma-de-educar>>. Acesso em 11 abr. 2014.

FANTACHOLI, Fabiane das Neves. **O brincar na Educação Infantil: Jogos, brinquedos e brincadeiras - Um olhar Psicopedagógico**. 5ª ed., Minas Gerais: Revista Científica Aprender, 2011. <http://revista.Fundacaoaprender.Org.br/index.php?id=148#mini>. Acesso em 20 mar. 2014.

FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. In: **Pro-posições**. Campinas: v.14, n.3 (42), set./dez. 2003. p.89-101.

Fonte: PORTAL EDUCAÇÃO –Publicado em 25 fev 2013. Disponível em : <<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/35529/definicao-dos-termos-brinquedo-brincadeira-e-jogo#ixzz30KLpTUFD>>

GUERRA, Cláudia Costa. **Meninas(os) brincam de carrinhos e de bonecas**. Idea Revista, .. v.1, n.1, jul./dez.2009. Disponível em:

<<http://esamcuberlandia.com.br/revistaidea/index.php/idea/article/view/10/13>>. Acesso em: 13 dez. 2015.

MARTINS, Marilena Flores. **O Homem lúdico**. 2009. Disponível em: [www.ipa-br.org.br](http://www.ipa-br.org.br)  
Acesso em: 30 set. 2013.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. **Cotidiano na alfabetização: a tessitura de algumas lições**. *Contrapontos* (Online), v. 13, p. 52-60, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14210/contrapontos.v13n1.p52-60>>

\_\_\_\_\_. **A escola pública e os discursos sobre sua pretensa crise**. *Teias*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, p.55 – 61, jul./dez. 2001. Disponível em <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/78/79>>

\_\_\_\_\_.; ARAÚJO, Mairce da Silva . **Formação Continuada Centrada na Escola: Intercambiando Experiências**. *Teias* (Rio de Janeiro. Impresso), v. 14, nº 37. p. 29-40, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/818>>

\_\_\_\_\_.; ARAÚJO, Mairce da Silva . **A memória que nos contam: narrativas orais e escritas como dispositivo de formação docente**. *Interfaces da Educação*, v. 4, p. 134-148, 2013. Disponível em <http://periodicos.uems.br/novo/index.php/interfaces/article/viewArticle/3963>

\_\_\_\_\_.; ARAÚJO, Mairce da Silva . **Histórias e memórias docentes: a escrita de si como possibilidade de autoformação**. In: Eliana Sampaio Romão; César Nunes; José Ricardo Carvalho. (Org.). **Educação, Docência e Memória: desa(fios) para a formação de professores**. 1ed.Campinas: Librum Editora, 2013, v. , p. 125-140.

OLIVEIRA, Cristiane Gomes de; MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos; BRAUN, Patrícia.. **Rodas em sala de aula: alguns aspectos relativos ao ensino e aprendizagem no cotidiano do Ensino Fundamental**. *Caderno de Aplicação*, Porto Alegre, v. 23, n. 01, p.245-265, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/11573/11356>. Acesso em: 05 out. 2014.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **O que é brinquedo**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 83p.

OLIVER, Gabriella Chaves. **A importância do brincar na Educação Infantil**. Rio de Janeiro, 2012. 33 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)-Faculdade de Pedagogia, Universidade Veiga de Almeida, 2012. *Pedagogia em Foco*, Rio de Janeiro, 2012. <http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/edinf04.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2014.

RODRIGUES, L. M. **A criança e o brincar**. Mesquita: UFFRJ, 2009. Disponível em: [http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra\\_RODRIGUES.pdf](http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra_RODRIGUES.pdf). Acessado em 04 abr. 2014.

ROJAS, Jucimara. **Jogos, brinquedos e brincadeiras: a linguagem lúdica formativa na cultura da criança.** Campo Grande: UFMS, 2007. Disponível em < [http://www.fllipe.ufms.br/material/fasciculo\\_Jucimara\\_Rojas\\_Jogos\\_brinquedos\\_e\\_brincadeiras\\_a\\_linguagem\\_ludica\\_formativa\\_na\\_cultura.pdf](http://www.fllipe.ufms.br/material/fasciculo_Jucimara_Rojas_Jogos_brinquedos_e_brincadeiras_a_linguagem_ludica_formativa_na_cultura.pdf) > Acessado em 16 set. 2014

ROLIM, Amanda Alencar Machado; GUERRA, Siena Sales Freitas; TASSIGNY, Mônica Mota. **Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil.** Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008.

SILVA, Aline Fernandes Felix da; SANTOS, Ellen Machado Costa dos. **A importância do brincar na educação infantil.** 36 fls. UFFRJ. Mesquita, 2009 Disponível em: [http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra\\_SILVA%20e%20SANTOS.pdf](http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/desafioscotidianos/arquivos/integra/integra_SILVA%20e%20SANTOS.pdf) Acesso em : 06 mai. 2014

SILVA, C. C. B. **O lugar do brinquedo e do jogo nas escolas especiais de educação infantil.** 08/05/2003. 179 fls. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. São Paulo, 2003.

VALDEZ, Fanny; AMORIM, Kássia; GONZAGA, Regina. **Todas as brincadeiras devem ser dirigidas?** INFOMEPE. 14 Out., 2011. Disponível em <http://www.ifomep.com.br/loja/news/9/Todas-as-brincadeiras-devem-ser-dirigidas%3F.html>

WAJSKOP, Gisela. **O brincar na educação infantil.** Cad. Pesq., São Paulo, n.92, p.62-69, fev. 1995.